

## **O HOMOEROTISMO NA PERSPECTIVA DA LITERATURA BRASILEIRA**

**Rodrigo dos Santos Dantas da Silva  
Tamiris Aparecida Apolinária de Carvalho**

### **INTRODUÇÃO**

A literatura pode ser compreendida como evento em um determinado espaço de tempo e suas características vigentes – nessa lógica, pode-se dizer que ela também representa várias temáticas e aspectos da vida social como os referentes à sexualidade dos indivíduos em dados contextos culturais.

A temática homossexual sempre existiu nas sociedades greco-romanas (RIBEIRO JÚNIOR apud Foucault, 2012, p. 3), e essa engrenagem não fugiria ao contexto literário ocidental e, muito menos, do brasileiro. Contudo, sabe-se que a temática fica esquecida e muitas vezes não é vista nas leituras desenvolvidas nas escolas, pois muitas vezes é equiparada às paradas gays (SILVA, 2012), e passa despercebida pela teoria crítica literária.

Na transição do século XX para o século XXI estudiosos de todo o mundo apontam para análises e pesquisas em diversas formas de manifestações literárias. Sobretudo, numa perspectiva pós-colonial e cultural. Porém, ainda é muito escasso material de propriedade que se pauta em estudos de pessoas do mesmo sexo que se relacionaram entre si em obras literárias – inclusive brasileiras.

De acordo com Silva (2004), é certo que existe certa repressão quanto ao tema do homoerotismo, seja masculino ou feminino: este ainda não conseguiu o seu espaço dentro da crítica ou teoria literária. Mas, não se pode negar que com o advento de movimentos gays, os discursos voltados para a homossexualidade em movimentações artísticas vêm alcançando espaço dentro da sociedade. Não se coloca mais somente em pauta a atração sexual que um sujeito sente pelo seu igual – sabe-se que existe toda uma problemática, códigos de convivência, afetividade e modos de vida e isso se chama homossociabilidade. A ligação entre literatura e erotismo é freqüente, segundo Arruda (2010), e o contexto homoerótico é uma vertente deste primeiro, todavia, essa literatura, a partir de Souza Júnior, ratificado por Silva (2011), foi silenciada nas culturas ocidentais.

Sabe-se que essas subjetividades tornam o indivíduo, enquanto leitor, um ocupante do centro do discurso teórico-crítico-interpretativo:

[...] pensar essas subjetividades voltadas e/ou marcadas pela sexualidade, e mais, uma sexualidade que procura a identificação entre seus “iguais” – estou aqui me referindo ao que denomino de um olhar homoerótico – faria desta legítima instância discursiva e textual um operador a mais para a leitura do que a literatura está a produzir (SOUZA JR, 2005).

Nessa acepção, o olhar homoerótico numa perspectiva literária não pode se limitar apenas aos leitores homoeroticamente inclinados, mas a qualquer sujeito que venha comungar da leitura da mesma. Do contrário, estaríamos criando um gênero exclusivo para o exercício teórico-literário.

Conforme Green e Polito (2006), tratando-se de Brasil, o aparecimento da tendência homoerótica em narrativas tem seu advento no século XIX com o romance *Um Homem Gasto*, escrito em 1885 por L.L., pseudônimo usado pelo médico Lourenço Ferreira da Silva Leal.

A palavra homoerotismo, segundo Barcellos (2006), é um apanhado de práticas sociais, podendo ser individuais ou coletivas, fazendo referências às diversas formas de relacionamento erótico entre pessoas do mesmo sexo. Neste artigo, expomos alguns aspectos que tangenciam a literatura brasileira de cunho homoerótico.

Os intelectuais e estudiosos que se debruçam sobre esse tema vão além do fazer literário e da consolidação de uma *literatura gay*, pois o estudo do homoerotismo é redirecionado para questões políticas e culturais de determinado contexto – ratificando Antonio de Pádua Dias da Silva e Carlos Eduardo Albuquerque Fernandes dizem sobre o assunto:

A percepção de um objeto cultural apenas pelo viés estético, nas atuais sociedades, só é possível entre grupos bastante fechados e “arrogantes”, pois o redimensionamento das temáticas na produção ficcional eclode como forma de uma aprendizagem para o campo político-cultural, tendo-se desdobramentos ideológicos advindos no trabalho com a linguagem, com a estética do texto (SILVA; FERNANDES, 2011, p. 138).

Observa-se, assim, que não há um estudo literário sem base cultural. É preciso conhecer o contexto cultural de determinada obra – ela sendo homoerótica ou não.

Ainda nesse sentido, consolida-se o que dito por Culler em sua obra:

[...] o projeto dos estudos culturais é compreender o funcionamento da cultura, particularmente no mundo moderno: como as produções culturais operam e como as identidades culturais são construídas e organizadas, para indivíduos e grupos, num mundo de comunidades diversas e misturadas, de poder do Estado, indústrias da mídia e corporações multinacionais (CULLER, 1999, p. 49).

Nessa perspectiva, o homoerotismo presente nos livros não é objeto de estudo literário apenas e sim um estudo cultural, porque não se analisa só a estrutura textual e linguística, mas as condições sociais e culturais que permitiram a obra vir a público, as políticas públicas a que fazem referências, a ideologia do dominante e a do dominado – assim como qualquer outro tipo de literatura, podemos notar essa pluralidade cultural dentro de obras do Brasil, quando refletimos sobre o índio, a mulher, os imigrantes italianos e as outras tantas minorias sociais que carregam até hoje marcas impressas pela colonização.

Os livros possuem dimensões sociais evidentes, segundo Cândido (2006). E ele exemplifica sua fala com a obra *Senhora*, de José de Alencar e elenca algumas características presentes na época em que o mesmo foi escrito: a vida burguesa de caráter patriarcal.

Antes, se associava uma obra à vida de seu autor, ignorando o meio cultural que permeava sua obra, e era comum o homossexualismo ser visto como pecado, doença ou atitude de caráter criminoso; pode ser esse o motivo da presença homoerótica ter sido esquecida pelos críticos por mero preconceito social (SOUZA, 2010). É como se essa temática viesse a ser um “tabu” dentro dos estudos literários, todavia a presença do gay atravessa o tempo e é inserida na literatura. Ratifica-se com essa posição, o que foi dito por Antônio de Pádua Dias da Silva: “Torna-se relevante, do ponto de vista político, a historicização dos textos que formam o ‘cânone gay brasileiro’, uma vez que a visibilidade dos sujeitos homoeróticos, nas atuais sociedades, ultrapassa os direitos adquiridos nos foros jurídico-legais.”(SILVA, 2012). Por este pensamento de Silva, pode-se concluir que até mesmo em épocas de censura e repressão, as relações homoeróticas foram plasmadas em obras literárias.

No Brasil, inúmeros autores abordaram essa temática em suas obras, tais como: Adolfo Caminha (1895), Ferreira Leal (1885), Junqueira Freire (1855), Machado de Assis (1906), Guimarães Rosa (1956), João Silvério Trevisan (1986), Caio Fernando Abreu (1982), Silviano Santiago (1985). As produções literárias que abordaram essa temática não são apresentadas aos alunos no período da escola, excepcionalmente no Ensino Médio, e muitas não são vistas como pertencentes de uma vertente literária.

Concepções homoeróticas remetem aos primórdios do homem e tratando-se de literatura, seja em narrativas ou no meio poético, o tema é tratado desde o tempo antigo, consolidando-se culturalmente no momento atual. Contudo, a temática não é vista nas escolas e ignorada pela teoria crítica literária. É certo que obras fundamentadas na subcultura gay sempre existiram no Brasil, mesmo nas primeiras escolas literárias estudadas no meio acadêmico e elas, essas obras, se fundamentaram em aspectos estéticos e políticos (SILVA, 2012).

## **FATORES SÓCIO-CULTURAIS PRESENTES EM DISCURSOS LITERÁRIOS**

Textos escritos, sejam narrativos ou não, compõe a literatura de diversas épocas, contextos, realidades: modo de falar, costumes, crenças, valores, regras, dentre outras práticas sociais. Por essa inferência, entende-se que os conteúdos literários cristalizam valores dum tempo, duma cultura – são reflexos de fatores sócio-culturais que permeiam uma conjuntura.

Por essa compreensão, consegue-se validar o que CANDIDO (2006, p. 54) nos traz em sua obra:

Considerada em si, a função social independe da vontade ou da consciência dos autores e consumidores de literatura. Decorre da própria natureza da obra, da sua inserção no universo de valores culturais e do seu caráter de expressão, coroada pela comunicação. Mas quase sempre, tanto os artistas quanto o público estabelecem certos desígnios conscientes, que passam a formar uma das camadas de significado da obra. O artista quer atingir determinado fim; o

auditor ou leitor deseja que ele lhe mostre determinado aspecto da realidade CANDIDO (2006, p. 54).

O estudo de *Candido* aborda as influências do meio e das relações sociais em determinada obra literária e ele afirma que a literatura como um produto social. Logo, particularidades referentes à sexualidade de sujeitos podem ser apresentadas produções literárias. Tomemos como exemplo, a obra *Bom Crioulo*, de Adolfo Caminha, coloca em pauta a homossexualidade presente numa hierarquia militar, a marinha.

O homoerotismo atravessa o tempo e sempre foi algo existente em meio ao contexto das antigas Grécia e Roma. Tratando-se de literatura, procurou pautar-se ou fundamentar-se em aspectos políticos e estéticos, segundo entende Silva (2012).

Diante de questões culturais que abarcam uma obra literária, observa-se na fala de Barcellos, em sua obra *Literatura e Homoerotismo em Questão* (2006), que este segundo provém de práticas sócias e experiências vividas por determinados sujeitos:

O homoerotismo, tal qual o estamos entendendo a partir do trabalho pioneiro de Jurandir Freire Costa (Cf. COSTA, 1992: 21ss), é um conceito abrangente que procura dar conta das diferentes formas de relacionamento erótico entre homens (ou mulheres, claro), independentemente das configurações histórico-culturais que assumem e das percepções pessoais e sociais que geram, bem como da presença ou ausência de elementos genitais, emocionais ou identitários específicos (BARCELLOS, 2006, p. 20).

Como já foi dito, a literatura como manifestação cultural também pode ser problematizadora de aspectos pertinentes à sexualidade de sujeitos. Levando em consideração as palavras de Barcellos, um discurso literário nessa expectativa consegue ir além caracteres estéticos e textuais – consegue por em pauta percepções de natureza social.

Nessa percepção, a literatura consegue delinear o evoluir do homem e suas relações com a cultura no decorrer da história. As impressões homoeróticas em cânones, por exemplo, apontam para ideais subjetividades que estão em voga ainda nos dias de hoje.

Por mais que relações entre pessoas do mesmo sexo delimitem as obras de cunho homoerótico, não se pode entender que literatura homoerótica e literatura gay são as mesmas coisas – essa é mais moderna e carregam convicções da evolução *gaypower* (da comunidade gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais, GLBT), (SILVA 2012); aquela perpassa o tempo, sendo subjetiva e não busca auto afirmar identidades, (SOUZA, 2010). Continuando a fala de Silva: “uma vez que a visibilidade dos sujeitos homoeróticos, nas atuais sociedades, ultrapassa os direitos adquiridos nos foros jurídico-legais”. E nesse viés:

E vemo-nos sempre diante de dualismos teóricos que parecem difíceis de serem diluídos. Assim, de um lado, os estudos literários, e, de outro, os estudos culturais; a arte dividida entre a boa, alta ou verdadeira e a ruim, menor ou falsa, quando não nos deparamos com a dualidade arte *versus* não arte; literatura não é o mesmo que literatura de massa; obra de arte não é o mesmo que produto cultural. O que nos leva a outros dualismos, como, por exemplo, a discussão em torno da existência de uma literatura *gay* (o que outros poderiam também chamar de uma

literatura *queer*, segundo o que discutimos anteriormente<sup>67</sup>) em contraposição a uma literatura homoerótica; uma política, outra isenta de politicidade, já que centrada no desejo e não no sujeito (SOUZA, 2010, p. 56).

Nessa relação entre literatura e homoerotismo, ao analisar textos desse tipo é preciso se desonerar das concepções identitárias e se atentar ao desejo homoerótico, que muitas vezes não está ligado ao sexo propriamente dito – a intensa amizade entre dois homens ou duas mulheres pode caracterizar essa atração. Nessa perspectiva, pode-se citar, novamente, o pensamento de Souza (2010): “Adolfo Caminha e seu romance *Bom-Crioulo*, estamos diante de um escritor, segundo consta, com inclinação heteroerótica, denunciando, ou condenando, os atos de “homossexualismo” que ocorriam na Marinha brasileira da época”.

Assim, a perspectiva homoerótica na literatura vai além da afetividade entre sujeitos do mesmo sexo e se baseia no modo de ver o mundo da personagem.

#### A TEMÁTICA HOMOERÓTICA PRESENTE NA OBRA “BOM CRIOULO”

O romance naturalista *Bom Crioulo* (1895) é um cânone da literatura brasileira e foi escrito pelo autor cearense Adolfo Caminha e narra uma aventura passional entre os marinheiros Aleixo e Amaro – este um ex-escravo fugido e aquele “um belo marinheirito de olhos azuis” (CAMINHA, 2007, p. 19). A história termina de forma trágica e pelo desenrolar da mesma percebe-se diversos aspectos sociais da sociedade carioca da época (século XIX); ressalta-se que a obra é de cunho naturalista e o que caracteriza o momento literário é a exposição das mazelas sociais presentes naquele contexto. Todavia, colocaremos em pauta na presente análise o caráter homoerótico que a obra contempla.

Silva & Fernandes (2008), em “Apontamentos Sobre o Espaço Físico e o Desejo Gay Em Narrativas de Temáticas homoeróticas” nos expõem que:

Nessa obra, o homoerotismo masculino é o *motivo* através do qual se estrutura a história. O negro Amaro (vulgo *Bom-Crioulo*, p. 52) e o grumete Aleixo, protagonistas da narrativa (não esqueçamos que D. Carolina constitui o terceiro elemento protagonista), vestem os uniformes da marinha nacional e ocupam, sobretudo, dois espaços marcantes na obra: a corveta – cenário cuja descrição abre o romance e onde se inicia a paixão de Amaro por Aleixo, e subsequente relacionamento – e o quarto da Rua da Misericórdia – lugar onde se desenvolve a relação desses dois marujos, apontando para diferentes aspectos semânticos, de acordo com a evolução do enredo (SILVA e FERNANDES, 2008, p.153).

Assim, se vê que Caminha coloca em pauta em sua publicação a classe marginalizada: um escravo fugido, pessoas que migram para os centros urbanos do século XIX buscando ascensão, uma ex-prostituta, marinheiros, imigrantes.

A obra descreve muitas vezes os aspectos físicos das personagens de forma sensual: “Não havia osso naquele corpo gigante: o peito largo e rijo, os braços, o ventre, os quadris, as

pernas, formavam um conjunto respeitável de músculos...” (CAMINHA, 2007, p. 24) –e concretiza, mesmo que não de forma não pornográfica, o desejo sexual ex-escravo pelo grumete, assim como em:

Por outro lado estava tranquilo porque a maior prova de amizade Aleixo tinha lhe dado a um simples aceno, a um simples olhar. Onde quer que estivessem haviam de se lembrar daquela noite fria dormida sob o mesmo lençol na proa da corveta, abraçados, como um casal de noivos em plena luxúria da primeira coabitação (CAMINHA, 2007, p. 39).

O livro possui 12 capítulos e o enredo se dá no Rio de Janeiro do século XIX e é narrado de maneira onisciente e em 3ª pessoa. O narrador não se pronuncia em nenhum momento de forma preconceituosa sob a relação homossexual dos marinheiros, no entanto, ele diz que essa relação é “um delito contra a natureza” (CAMINHA, 2007, p.38), com essa fala, compreende-se que essa relação homoerótica é vista como um desvio patológico das personagens – o que também não deixa de ser um caráter do período naturalista. Vê-se que o homossexualismo presente ocorre muitas vezes de forma subjetiva, sendo descrito de interação entre os mesmos: “no momento fatal que seus olhos fitaram pela primeira vez” (CAMINHA, 2007, p.26). Ratifica-se nessa perspectiva o que foi dito por Bezerra:

O escritor cearense não fugiu do esquema de medicalização e condenação das personagens homoeróticas, mas a sua particularidade está em ousar numa estrutura narrativa ficcional possível para os leitores do final do século XIX no Brasil, entre eles próprio escritor. Nem sempre o narrador é direto, muitas vezes vacila, oscila e foge das cenas que parece considerar mais picantes, como que fechando os olhos para o impacto daquilo que estava dizendo, eximindo-se de qualquer culpa ou de qualquer envolvimento pessoal (BEZERRA, 2006, p.96).

Outra particularidade do Naturalismo é a descrição dos aspectos físicos, Caminha em seu livro a faz de forma sensual e, pelo decorrer da leitura percebe-se que o desejo sexual do negro pelo grumete não é concretizado de forma pornográfica. Vejamos:

Bom-Crioulo, que já estava em cima, na tolda, assim que o viu naquela pompa, ficou deslumbrado e por um triz esteve fazendo uma asneira. Seu desejo abraçar o pequeno, ali na presença da guarnição, devorá-lo de beijos, esmagá-lo de carícias debaixo do seu corpo (CAMINHA, 2007, p.31).

Amaro, o Bom-Crioulo, é um personagem problemático e volúvel, que tenta ir contra seus desejos carnis e o seu amor homossexual. Antes o mesmo tinha o costume de se relacionar sexualmente com mulheres, porém, alojado num navio, o negro se apaixonou por Aleixo que veio do Sul para trabalhar na Marinha. Lendo a publicação, nota-se que gradativamente os marinheiros criam uma amizade e o grumete vê o negro como sinônimo de proteção. Amaro sempre solista se predispõe a defender, custear e não poupava sacrifícios para impressionar o seu amado, pode-se notar isso em:

Mas daí em diante Aleixo foi-se acostumando, sem o sentir, àqueles carinhos, àquela generosa solicitude, que não enxergava sacrifícios, nem poupava dinheiro, e, por fim, já havia nele uma acentuada tendência para Bom-Crioulo, um visível começo de afeição reconhecida e sincera (CAMINHA, 2007, p.27).

Como já foi visto, Caminha não inferioriza em suas linhas o amor homossexual e muitas vezes, pode-se dizer, iguala a relação masculina entre ambos os personagens como um caso heterossexual: Amaro corteja o jovem como se o fizesse com uma moça, lhe presenteia, faz sonhos e coloca seu amado numa posição passiva – “Dentro do negro rugiam desejos de touro ao pressentir a fêmea...” (CAMINHA, 2007, p.49). Compreende-se também que os personagens tiveram uma vida sexual intensamente ativa:

Uma coisa desgostava o grumete: os caprichos libertinos do outro. Porque Bom Crioulo não se contentava em possuí-lo a qualquer hora do dia ou da noite, obrigava-o a excessos, fazia dele um escravo, uma ‘mulher à toa’, propondo quanta extravagância lhe vinha à imaginação (CAMINHA, 2007, p.48).

Em contrapartida, essa obra não é exclusivamente gay, pois a relação dos marujos é quebrada por D. Carolina, portuguesa, ex-prostituta e dona do cortiço onde o casal aluga um cômodo para morar. D. Carolina já era conhecida de Amaro e uma vez o ajudou e o negro. Todavia seu interesse pelo marinheirito era maior que o antigo contato dela com o negro e ela não poupava de fazer qualquer coisa para agradá-lo:

Ah! Era muito capaz, ela, de fazer uma loucura por causa do seu bonitinho! – Quando Aleixo vinha de bordo, nada lhe faltava naquele pobre sobradinho da Rua da Misericórdia, tudo ela guardava para o seu formoso marinheirito: eram frutas, doces, comidas especiais, quitutes à portuguesa, isso, aquilo, aquilo outro... Ela mesma batia, engomava a roupa dele com melindroso carinho de mãe amorosa, dobrando as camisas, perfumando-as de alecrim para ele mudar quando viesse do trabalho (CAMINHA, 2007, p.82).

Percebe-se no fragmento acima, que D. Carolina quer transmitir um amor quase que maternal ao jovem grumete. Porém, ela é uma mulher afetivamente carente e outro marujo rústico que ora vive no mar, ora vive em terra não completaria esse vazio. Ela desejava o jovem frágil marinheiro. À medida que se dá a narrativa naturalista, novos contextos a invadem e Bom-Crioulo acaba por deixar corveta que trabalhava para assumir o serviço num outro navio, o couraçado. Aleixo, nesse momento, não se abala com esse distanciamento e nem sente falta de Amaro, pois aproveita sua ausência para se envolver com D. Carolina, que o mimava na esperança de conquistá-lo para si.

Amaro visava o cotidiano numa família entre os dois, todavia na ausência dele, Aleixo e D. Carolina se interessam numa recíproca verdadeira e o grumete acaba por trair o negro: dormia com ela, se relacionavam e viviam como um casal. Nesse sentido, as mudanças do estado psicológico das personagens também são claramente descritas na obra, pois Amaro tinha se tornado o Bom-Crioulo por sua meiguice: “[...] seu caráter era tão meigo que os próprios oficiais começaram a tratá-lo por Bom-Crioulo” (CAMINHA, 2007, p.22) e no momento que descobriu a traição se deixa levar pelo ódio e o abandono. A passionalidade de

Amaro se mantém até mesmo após o adultério, ele guarda mágoas e acaba por promover sua vingança – a tragédia da obra provém dum sentimento subjetivo.

É bem provável que Aleixo se entrega à D. Carolina por estar sempre numa condição passiva em seu relacionamento com Amaro ou por necessidade de comungar de um prazer que ele desconhecia até então. Após o adultério, o casal se separa e Aleixo começa a se relacionar com D. Carolina. Como resultado disso, o negro passa a ter desvios em sua compostura e adoce – as mudanças do estado psicológico dele são claramente descritas. A obsessão por Aleixo faz o ex-negro fugido matar o garoto – o que nos dias atuais chamamos de crime passionai: “O pescoço estava envolvido num chumaço de panos. Os braços caiam-lhe sem vida, inertes, bambos, numa frouxidão de membros mutilados” (CAMINHA, 2007, p.101).

## ASPECTOS LITERÁRIOS IGNORADOS NO ENSINO MÉDIO

A partir da leitura da obra em tela, uma pesquisa paralela, mas parte da discutida anteriormente, foi desenvolvida, tendo em vista os modos de ler textos literários em essa temática em salas de aula do ensino médio. Sabe-se que configurações homoeróticas também compreendem a literatura brasileira e que os Parâmetros Curriculares Nacionais, os PCNs, fazem a promoção da literatura vernácula assim como o respeito à diversidade cultural – objetivando assim que o alunado venha colocar em prática o exercício da cidadania.

Nessa perspectiva, realizou-se um questionário com oito perguntas para 06 professores atuantes no Ensino Médio de diferentes escolas estaduais do município de São Mateus-ES – objetivando descobrir como a figura homoerótica na perspectiva de literatura brasileira é explanada por professores de língua materna e literatura nessa instância de ensino. As perguntas mesclavam entre o propósito do ensino de literatura nas escolas e temática homoerótica no contexto literário.

Pelas respostas dos entrevistados, o ensino da literatura tem propósitos diferentes: inserir o aluno num contexto letrado, promover a reflexão, apresentar períodos literários, preparação para exames externos. E analisa-se também que o tempo para o ensino da literatura ou de um período literário é muito sucinto e as bibliotecas das Unidades de Ensino ainda são precárias – o que dificulta um ensino holístico da literatura.

Concebe-se que os professores em questão usam recursos que vão além do livro didático pré-estabelecido ao lecionar suas aulas de literatura, tais como: música, slides, data show, vídeos, internet. Dessa forma, espera-se uma aula de literatura mais dinâmica, interativa e que venha contribuir com excelência no processo de ensino-aprendizagem.

Quatro dos seis profissionais da área disseram que já abordaram o tema em sala de aula, contudo, ainda demonstram algum tipo de resistência sobre o mesmo. Uma professora disse que nunca trabalhou com obras de cunho homoerótico, de fato, e que o currículo propõe o estudo de literaturas mais comuns. Segundo a mesma, têm-se trabalhado com autores que possuem obras homoeróticas, os livros que são apresentados aos alunos são os cânones que marcaram algum período literário. Outro professor, disse que a sexualidade é pertinente aos temas transversais que são explanados em sala de aula e os livros didáticos não oportunizam esse debate, muitas delas não fazem parte do acervo da biblioteca e próprio professor disse

que é um assunto importante, mas “está longe de ser uma prioridade”, pois, segundo o mesmo, é preciso formar leitores críticos primeiro e depois trabalhar temáticas específicas. Uma professora colocou em seu questionário que nunca trabalhou esse tema.

Quando se trabalha obras homoeróticas, a escola não só faz uso de literatura, mas faz o aluno refletir sobre o seu contexto e os diferentes que existem nele – o professor promove assim uma sociedade democrática. É preciso fazer o uso dessas publicações para amenizar limitações que vão contra a diversidade sexual e de gênero. Assim:

Por isso, a consolidação de um modelo de sociedade democrática e de educação de qualidade depende também da problematização e do enfrentamento do sexismo, da homofobia e de seus efeitos. E isso só será alcançado se nos dedicarmos a superar nossas limitações, questionar radicalmente nossos preconceitos e promover mudanças significativas na organização da vida social e nossas atitudes. A escola é sem dúvida, parte central desse processo (JUNQUEIRA, 2008, p.08).

Ratifica-se que assim que é preciso ver a escola como um local de interações sociais e práticas culturais, e o ensino completo da literatura pode ser o mediador dessas práticas – é preciso vê-la não apenas como algo que venha enriquecer o repertório de narrativas do aluno, mas deve ser problematizada, questionada e refletida. É preciso fomentar esses valores dentro das escolas.

Percebe-se que os educadores entrevistados não ficaram incomodados ao responder o questionário, porém, alguns deles não vêem como prioridade destacar obras homoeróticas para estudo em sala de aula e esse conteúdo é ignorado. Vale ressaltar que os PCNs dizem a respeito dos textos literários e questões de gênero: “Em Língua Portuguesa, nos textos literários, podem-se perceber as perspectivas do gênero por meio da análise das personagens e descrição de suas características.” (BRASIL, 2006, p.323).

Logo, o homoerotismo presente num livro traz em si particularidades que são pertinentes ao processo de ensino-aprendizagem e o mesmo não deve ser ignorado durante a transmissão do saber.

## CONCLUSÃO

Após esse estudo, movido pela pesquisa e pela discussão a respeito das configurações homoeróticas presentes na literatura brasileira, cabe aqui expor algumas considerações finais quanto ao referido tema aqui explanado.

Percebe-se que fatores sócio-culturais que permeiam um contexto em determinada parte do tempo são cristalizados num texto literário, seja ele em prosa ou verso. Logo, compreende-se que a literatura também tem um papel social e aspectos culturais, sociais e literários precisam ser levados em consideração ao analisar uma obra.

No referido estudo, foi visto que a crítica cultural e a literária precisam ser feitas de forma concomitante ao fazer um olhar crítico sobre um determinado livro – é preciso analisar a estrutura textual em sua completude: as partes da sociedade e a engrenagem textual e estética que ela contempla. Nota-se, então, a necessidade de não negligenciar a engrenagem homoerótica presente na literatura brasileira, pois o homoerotismo ali presente não se baseia

apenas na afetividade descrita entre sujeitos do mesmo sexo. Contudo, oportuniza ao leitor a compreensão do meio das personagens: filosofias e políticas vigentes, estéticas, modo de vida, variações linguísticas daquele momento etc.

Consegue-se compreender que da relação entre literatura e homoerotismo, o desejo nem sempre estará ligado a relações sexuais de pessoas do mesmo gênero, mas, apenas, numa amizade que venha concretizar uma relação homoerótica. Em contrapartida, ainda não se pode comparar uma obra canônica como *Bom Crioulo* ou *O Ateneu* com a literatura dita *queer* dos dias atuais, pois esta ainda não é reconhecida por suas particularidades textuais e é vista pela crítica como um produto de origem e linguagem vulgares.

A homossexualidade como prática cultural persiste ao tempo e está presente desde os primórdios do mundo nas sociedades antigas, como Grécia e Roma. Essa realidade também se faz na literatura, inclusive em literatura brasileira, autores como Adolfo Caminha, Ferreira Leal, Junqueira Freire, Machado de Assis, Guimarães Rosa, João Silvério Trevisan, Caio Fernando Abreu e Silviano Santiago fizeram uso dessa temática. Contudo, o referido tema muitas vezes é ignorado pelas críticas e teoria literárias – os estudos em contextos literários costumam se pautar numa perspectiva pós-colonial e cultural, mas são ignoradas as inclinações homoeróticas em obras literárias.

Foi visto que existem contradições sobre o início do homoerotismo numa perspectiva brasileira: alguns intelectuais dizem que o romance *Um homem gasto* de L.L., foi a primeira obra homoerótica do Brasil; no entanto há aqueles que vêem *Bom-Crioulo* (1895), de Adolfo Caminha, como a narrativa que funda a literatura gay no Brasil; e há ainda especialistas que citam “O menino da Gouveia” (1914), de Capadócio Maluco, como o primeiro texto gay nacional.

Ficou claro que uma análise literária precisa ser feita pautando-se em elementos ou categorias sociais e políticas que estão presentes na mesma. Logo, a sexualidade das personagens não deve ser ignorada no momento desse processo, porque a subjetividade de muitas personagens são construídas a partir da sua vida íntima, da prática cultural de relacionar-se com os outros sujeitos sexuais. Embasando-se nisso foi feita uma análise crítica da obra naturalista *Bom Crioulo*, de Adolfo Caminha.

Ao analisar essa obra, observa-se que o autor não pautou-se pela construção de um texto necessariamente gay, no entanto a inclinação homoerótica não se ausenta da obra. O amor provindo de Amaro é de cunho subjetivo e o seu desejo sexual ali expresso não tem teor pornográfico. Caminha muitas vezes em sua narrativa chega a igualar a relação entre esses iguais a um relacionamento heterossexual. No decorrer da leitura pelas descrições e caracterizações daquele meio, consegue-se conhecer o contexto do Rio de Janeiro do século XIX com seus sobradinhos, as classes marginalizadas presentes como negros fugidos e marinheiros impulsionados pela autoridade e a quaisquer momentos sujeitos a desmoralização.

Baseando-se nas pesquisas feitas, pode-se notar que a perspectiva literária traz em si cristalizações sociais de um determinado espaço no tempo e que essas publicações devem ser limitadas a leitores GLBTs, qualquer indivíduo pode comungar desse tipo de leitura. Se não, uma obra homoerótica estaria sendo vista como um gênero excepcionalmente para uma determinada classe de pessoas, como querem e dizem muitas pessoas que discriminam essa escrita e, por isso, a guetoizam.

No estudo supracitado foi feita uma pesquisa de campo que se baseou numa entrevista com profissionais de literatura e língua portuguesa que trabalham no Ensino Médio de

diferentes escolas estaduais deste município. Buscou-se descobrir como a engrenagem homoerótica em literatura brasileira é versada nas escolas nessa estância educacional.

Desse trabalho de caráter científico, foi possível concluir que as particularidades homoeróticas de um texto literário não são vistas como prioridade nos Parâmetros Curriculares Nacionais e\ou currículos nacionais, mas estão ali de forma implícitas nos eixos transversais e devem sim, ser trabalhadas em sala de aula. Observou-se que os professores de português entrevistados não abordam o tema de forma holística e apresentam características de momentos literários brasileiros – muitas vezes pelo curto tempo, pelo fato de muitos alunos não terem maturidade para encarar uma obra homoerótica e escassez de livros desse tipo nas bibliotecas das Unidades de Ensino. Por esses empecilhos, as obras mais comuns são trabalhadas com os estudantes do ensino médio.

Em contrapartida, ficou explícito que a literatura dentro da sala de aula dá subsídio ao alunado para reflexão de meios sociais diferentes, fazendo um intermédio muitas vezes do ontem com o contexto atual. E essa particularidade não foge de uma obra de cunho homoerótico. Essas publicações quando trabalhadas de forma ampla, diminuem preconceitos contra as diversidades culturais, sexuais e de gênero. Essa problematização, quando exposta na escola, promove a democracia e o exercício da cidadania no corpo discente da mesma. Descobriu-se que as configurações homoeróticas numa publicação não devem ser ignoradas, pois são pertinentes aos processos de ensino-aprendizagem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ARRUDA, Michele Fonseca de. **Erotismo e Literatura em As Mil e Uma Noites**. REVISTA LITTERIS ISSN 1983-7429 Número 4, edição quadrimestral – março de 2010. Dossiê Estudos Árabes & Islâmicos. Disponível em: <<http://revistaliter.dominiotemporario.com/doc/mileumanoites.pdf>. >Acesso em 18 maio 2014.
2. BARCELLOS, José Carlos. **Literatura e homoerotismo em questão**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2006.
3. BEZERRA, Carlos Eduardo. **Bom-Crioulo: um romance da literatura gay made in Brazil**. Revista das Letras, vol.1/2- nº 28, p.94-100, jan/dez.2006
4. BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Orientação Sexual. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/orientacao.pdf>>Acesso em 28 out 2014.
5. CAMINHA, Adolfo. **Bom-Crioulo**. Rio de Janeiro: Editora Ática, 2007.
6. CULLER, Jonathan. **Teoria literária – uma introdução**. Trad Sandra Vasconcelos. São Paulo: Becca Produções Culturais LTDA, 1999.
7. CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária**. 9 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
8. GREEN, James N.; POLITO, Ronald. **Frescos trópicos: fontes sobre ahomossexualidade masculina no Brasil (1870-1980)**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006. (Coleção Baú de Histórias).
9. RIBEIRO JR, Benedito Inácio. **O homoerotismo no Satyricon: repensando a(s) masculinidade(s) em Roma (54-68 d. C.)**. Campinas: Anais do XXI Encontro Estadual de História –ANPUH-SP - Campinas, setembro, 2012.
10. SILVA, Antonio de Pádua Dias da. **A história da literatura brasileira e a literatura gay: aspectos estéticos e políticos**. Maceió: Editora, 2012, p. 83-108.
11. SILVA, A. P. D.; CAMARGO, F. P. (orgs.). **Configurações homoeróticas na literatura**. São Carlos: Claraluz, 2009, p. 35-50.
12. SILVA, Antonio de Pádua Dias da; Fernandes, Carlos Eduardo Albuquerque. **Crítica Literária ou Cultural? Caminhos críticos da literatura de temática gay**In: **História da literatura brasileira de temática homoerótica**. Crítica Cultural (Critic), Palhoça, SC, v. 6, n. 1, 2011, p. 129-141.
13. SILVA, Antonio de Pádua Dias da; Fernandes, Carlos Eduardo Albuquerque. **Apontamentos Sobre o espaço Físico e o Desejo Gay Em Narrativas de Temáticas Homoeróticas**. Graphos. João Pessoa, v. 9, n. 2, 2008, p. 149-164
14. SILVA, F.; MAGALHÃES, J; RIBEIRO, P. R. C.; QUADRADO, R. P. **Sexualidade e Escola: compartilhando saberes e experiências**. 2 ed. Rio Grande: FURG, 2008.

15. SOUZA, Warley Matias de. **Literatura Homoerótica:** O homoerotismo em seis narrativas brasileiras. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte 2010. Disponível em <[http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECAP-8BRF39/literatura\\_homoer\\_tica\\_disserta\\_o\\_de\\_mestrado\\_.pdf?sequence=1](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECAP-8BRF39/literatura_homoer_tica_disserta_o_de_mestrado_.pdf?sequence=1)>. Acesso em 18 maio 2014.